



Ele parecia ter sumido  
sem deixar vestígios

# Na trilha de um assassino

STEVEN LEVINGSTON

**Q**UATRO DIAS antes do Natal de 1967, os consumidores de Boston corriam para as últimas compras e James Wright, carpinteiro de 33 anos, pai de três filhos, foi com um amigo pegar o carro na oficina de Fred, em Roxbury, Massachusetts. Antes de voltar para casa, participou de um jogo de dados nos fundos da garagem. Depois, o parceiro de jogo Willie Foskey o abordou, exigindo dois dólares. Wright recusou, Foskey desapareceu e voltou com uma arma.

Tentando esfriar os ânimos, o amigo de Wright pôs a mão no bolso e ofereceu cinco dólares.

– Não quero seus cinco dólares – insistiu Foskey. – Quero que *ele* pague os dois dólares.

Wright tirou duas notas e jogou-as no chão.

– Aqui está – disse.

A arma disparou. Wright deu um passo para trás, ferido no estômago.

– Sumam! – ordenou Foskey aos outros.

Correu para seu automóvel, jogou a



*Antigos cartazes de "procura-se" foram afixados pela Divisão de Casos Não Resolvidos numa sala da corporação, indicando os bandidos postos no xadrez*

arma no chão, e saiu em disparada. No hospital, horas depois, Wright morria.

A polícia armou uma caçada para pegar Foskey. Com um mandado de busca, invadiram a casa de sua esposa em Duxbury. Conversaram com informantes de rua e fizeram rigoroso acompanhamento. Mas as pistas eram falsas. Foskey, concluíram, saíra do estado. A pasta do assassino de Wright foi para o arquivo morto, onde ficou por 26 anos.

UMA NOITE, no outono de 1993, o tenente-detetive Tim Murray, da Divisão de Casos Não Resolvidos da polícia de Boston, examinava os arquivos. Havia mais de 1.000 pastas, mas a de James Wright chamou-lhe a atenção.

"Algo me disse que o caso podia ser resolvido", lembra Murray.

A pasta trazia poucas informações, só impressões digitais e fotos do suspeito. Mas Murray e seu parceiro, o tenente-detetive sênior Stephen Murphy, tinham um potente aliado não disponível quando ocorrera o assassinato: sofisticada tecnologia de computador. A polícia, hoje em dia, dispõe de dados que vão desde registros do motor de veículos a informações sobre crédito. Os computadores têm arquivados milhões de impressões digitais. Basta copiar uma delas para o sistema e, se houver algum registro, a polícia obtém nome, história criminal e possível localização do suspeito.

Murray, 39 anos, é um dos mais jo-

vens tenentes-detetives da corporação. Entende de computadores como poucos. Murphy, 59 anos, tem no currículo 200 investigações de homicídio, e excelente reputação. Juntos, a dupla “yin-yang” resolveu 48 casos de assassinato e fuga. Como diz Murray, “usamos a tecnologia de hoje para resolver os mistérios de ontem”.

No caso de Wright, o relatório policial de 1967 identificou o suspeito como Willie Foskey, e deu uma longa lista de nomes – Matthews, Williams, Walker e Foster. Tinha 33 anos de idade, cerca de 1,75m e 70kg. As fotos mostravam, segundo Murphy, “um cara esperto, mulherengo, que sabia das coisas”. Tinha uma verruga na narina direita.

Dizia-se que Foskey trabalhava como cozinheiro, e fazia uma torta de batata-doce maravilhosa. Sua história criminal era antiga, e incluía detenções por arrombamento, roubo e furto. Dois meses antes de matar Wright, fora preso por roubo de carro, e a pasta continha todas as impressões digitais.

Mas isso não bastava. Os registros não eram ligados em rede nacional, e Murray não podia pedir uma investigação em cada estado. Se todos os tiras do país fizessem isso, os computadores não dariam conta.

Então, conta Murray, “tive que entrar na mente do assassino. Era um cara urbano, morava numa cidade. A questão era, que cidade?”

Enquanto isso, Murphy levantava o parentesco de Foskey. Um homem em fuga, freqüentemente, procura membros da família – encontre-os e você pode encontrar o fugitivo. Murphy localizou um tio em Michigan.

Os detetives enviaram as impressões digitais à polícia do estado de Michigan, que procurou em seus computadores um registro criminal. Bingo! Foskey, com o nome Willie Williams, fora preso em Lansing em 1978 e 1980. Mas pagara fiança e fugira novamente.

*Para onde foi depois?*, perguntavam-se os detetives de Boston. Foskey não fora interrogado sobre o assassinato de Boston na prisão. Provavelmente, achou que em Michigan não seria pego e que estaria seguro no estado.

Murphy encontrou outros parentes em Flint, Michigan. Os detetives descobriram que a polícia de Flint não enviara todas as impressões digitais para o sistema de computadores do estado. Havia uma chance de Foskey ter um registro naquela cidade, que não tivesse aparecido na busca estadual.

A pesquisa dos registros de Flint mostrou que em 1990 os tiras tinham sido chamados para uma briga familiar envolvendo “Jake Matthews”. As impressões digitais eram de Foskey. Agora, os detetives tinham um endereço recente. Nas três semanas seguintes vigiaram o lugar, mas Foskey não apareceu.

Finalmente, Murray e Murphy decidiram que Foskey devia ter virado *persona non grata* depois da briga em família e fugira. A pista esfriava novamente.

OS DETETIVES recomeçaram a imaginar. Supunham que, desgastado em Michigan, Foskey fora para um lugar conhecido. Tinha 59 anos e podia ter dificuldade para começar numa área pouco familiar.

Examinaram números da previdência social, carteiras de motorista, informações sobre crédito e registros de empregados, mas não encontraram nada. Ele não tinha inscrição na previdência, nem carteira de motorista, com nenhum dos nomes que usava. “Foskey podia viver escondido na sociedade”, espanta-se Murray. “Para qualquer intenção e propósito, ele não existia.”

A busca a membros da família se intensificou. Com pouco dinheiro, ele podia procurar a ajuda de parentes. Auxiliados pela equipe do FBI encarregada de fugitivos violentos, os detetives limitaram a busca a três casas: duas em Massachusetts e uma em Maryland.

A caçada transformou-se numa busca à moda antiga. Murray se ocupou de uma casa em Massachusetts; Murphy da outra. A polícia de Baltimore, trabalhando com a equipe, vigiava o terceiro local.

Em 27 de abril de 1994, Murray recebeu um telefonema de Maryland: a busca terminara.

Era a tarde do funeral de Richard Nixon e os funcionários federais não trabalharam, mas o detetive Frederick Ballard ofereceu-se para vigiar a casa em Maryland. Viu um homem da idade de Foskey sair de carro. Seguiu-o, e ia prendê-lo. Porém, havia algo errado. O homem não tinha verruga na narina direita.

Ballard mostrou a foto de Foskey

ao suspeito. Bastante solícito, o homem admitiu que dividiam o aluguel. Quando o *tira* perguntou onde o outro estava, a resposta veio rápida:

– Sentado na janela.

– Fazendo o quê? – perguntou o detetive.

– É só o que faz. Fica sentado na janela.

E foi lá que Ballard o encontrou. “Ele não ficou surpreso”, diz. “Quando alguém fica tanto tempo impune, sabe o que vai acontecer. Foskey ficou contente por acabar logo com aquilo.”

Depois da prisão, Murray esclareceu o mistério da previdência social. Foskey trabalhava por conta própria, e recebia em dinheiro. Todos aqueles anos, fizera suas tortas de batata-doce. Mas o homem que parecia não existir não podia sumir para sempre. A equipe encontrou-o em menos de um ano. Foi acusado de homicídio e condenado à pena de 15 a 18 anos de prisão.

Murray lembra-se, comovido, do telefonema a Barbara Wright, viúva da vítima, depois da prisão de Foskey. Finalmente pôde dizer-lhe: “Acabamos de pegar o sujeito que a fez ficar viúva e fez seus filhos crescerem sem um pai todos esses anos.”

---

*Nota do editor: Os detetives Murray e Murphy, da Divisão de Casos Não Resolvidos da polícia de Boston, já apareceram antes em “Pensando como um assassino”, Seleções de abril de 1997.*

---

PRESENÇA DE ESPÍRITO: a habilidade em continuar falando fluentemente enquanto o outro sujeito está apanhando a conta.

The Liguorian